



Recebido em 28/02/2022

Aceito em 02/08/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.42147>

## DOSSIÊ

# Discursos e Conflitos da/na Festa de 16 de Julho na Cidade de Borda da Mata – MG.

Discourses and Conflicts of/at the July 16th Party in the City of Borda da  
Mata – MG

*Cleyton Antonio da Costa*

Colégio Paulínia

<https://orcid.org/0000-0003-0114-0876>

**RESUMO:** O presente estudo visa entender e problematizar os diferentes discursos e sentidos da festa de 16 de julho realizado na cidade de Borda da Mata, localizada no sul de Minas Gerais, que constitui uma das práticas culturais mais esperada pelos sujeitos que residem e/ou visitam a cidade. Desenvolvido por meio prática da História Oral, com cruzamento com outras fontes, que nos possibilitou dialogar com muitas memórias e outras histórias de diferentes gerações e significados do festejo, bem como as permanências e rupturas desta prática cultural, que é permeada de diferentes valores, sentimentos e tensões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Festa. Memória.

**ABSTRACT:** The present study aims to understand and problematize the different discourses and meanings of the July 16th party held in the city of Borda da Mata, located in the south of Minas Gerais, which is one of the most awaited cultural practices by subjects who reside and/or visit the city. Developed through the practice of Oral History, crossing with other sources, which allowed us to dialogue with many memories and other stories from different generations and meanings of the celebration, as well as the permanence and ruptures of this cultural practice, which is permeated by different values, feelings and tensions.

**KEYWORDS:** City. Party. Memory.

## Introdução

O presente estudo visa entender e problematizar os diferentes discursos e sentidos da festa de 16 de julho realizado na cidade de Borda da Mata, localizada no sul de Minas Gerais, que constitui uma das práticas culturais mais esperada pelos sujeitos que residem e/ou visitam a cidade.

Borda da Mata é um município que tem sua economia pautada na agricultura, e na indústria têxtil, sendo a produção de pijamas na atualidade o grande foco que

atribuiu à cidade o título de “Capital Nacional do Pijama”, como a maioria das cidades do interior do Sul Mineiro esta apresenta marcante espírito de religiosidade em sua população, sendo a maioria católica.

O despertar para esta pesquisa deu-se diante do que era exposto nos jornais da cidade, tanto o Jornal Tribuna Popular quanto o Jornal Folha Paroquial. A maneira descritiva com que a festa era apresentada por estes veículos informativos não traduzia a vivência, a experiência que a cidade vivia nos dias de festa. O incômodo imperou levando ao questionamento: “É esta a festa que vejo e vivencio?”. É sabido que os jornais mencionados possuem estilos diferentes de apresentar o evento, porém não expunham os sentimentos, os valores, os interesses que permeavam a “Festa da Borda”.

Neste olhar deparamos com as considerações de Abreu ao mostrar que

o historiador, no meu modo de ver, encontra dois grandes desafios: pensar os significados e mudanças das festas em sua própria historicidade, mas sobretudo, compreender a dinâmica relação das festas com a experiência dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autêntica e concorrida (ABREU, 1999, p. 38).

Compreendemos que a festa não se define apenas como uma aglomeração de pessoas em um determinado horário e espaço, pois é também, por meio das festas, que nos é possibilitado evidenciar múltiplos elementos que indiquem religiosidade, lazer, economia, política, tensões, conflitos, entre outros, proporcionando uma gama de reflexões que atravessam o festejar vivenciado por diferentes sujeitos sociais.

O dia 16 de julho possui dinâmicas específicas que estão enraizadas na vida de muitos sujeitos sociais em Borda da Mata, e assim observo a festa ligada às referências culturais da cidade, pois entendemos que “cultura [é] apresentada como todo um modo de vida e todo um modo de luta” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2004, p. 07). Também em sintonia com os estudos de Thompson que aponta:

é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para a geração e o desenvolvimento sob formas históricas específicas das relações sociais e de trabalho (THOMPSON, 1998, p. 22).

Da mesma forma, compreendemos que os modos de viver e ver a festa são diferenciados dependendo de cada experiência vivenciada pelo sujeito social, entendido como o sujeito histórico que, não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente” (KHOURY, 2001, p. 80). Ou seja, os olhares para os festejos realizados no período de Julho em Borda da Mata, constituem-se de formas divergentes, antagônicas e/ou convergentes, em que esses sujeitos se respaldam em suas perspectivas no que se refere ao lazer, devoção e festa.

Em sua obra, Canclini (2003) expõe o Hibridismo Cultural, segundo o qual toda prática cultural não é tida como “pura”, pois os elementos que a compõem e a sustentam não são de uma só classe ou de um só saber. Explica que tal prática é a junção, a mescla

(erudito/ popular; rural/urbano) que possibilita sentidos e significados, levando-nos a perceber que a cultura é movimento, e não se encontra estagnada, submissa apenas recebendo elementos aleatórios. É uma ressignificação que se constrói dialogando, negociando, agenciando com vários e até opostos elementos e olhares.

Tendo esse pressuposto, nos apoiamos em Fenelon:

Seja qual for a natureza do trabalho historiográfico que realizamos envolvendo a cultura, ou as conceituações que possamos desenvolver para a cultura popular, será preciso admitir a impossibilidade de tratá-la (a cultura) no singular, pensada como capaz de abarcar em si mesma a história como totalidade, ou tomá-la como fator determinante de todo o processo, a partir de pontos de vistas classificatórios. Falamos sim de culturas no plural (FENELON, 1993, p. 75).

Percebemos que uma festa não se concretiza em um só ritmo ou padrão, mas de maneiras múltiplas, pois os seus participantes almejam festejar, interagir de acordo com os seus interesses, que podem ser devoção, o lazer, estar entre amigos e/ou família, momento de revigoração diante da rotina desgastante. Por se tratar de dois festejos diferentes, notamos que não há um motivo único para vivenciar estes eventos.

Observam-se os diferentes modos de ver e manifestar as festas, em que culturas são elaboradas pelas diferentes formas de se estar nas festas. Trabalhamos com as memórias desses sujeitos sociais que são construídas socialmente e trazem à tona significados e interpretações variadas:

se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizado ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumento socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997, p. 16).

A memória é uma construção que, ao longo das experiências, significa e/ou ressignifica os acontecimentos passados diante do contexto em que é produzida. Ela se refere a uma pessoa, a que relata ou escreve suas percepções, porém esta elaboração se efetiva com a convergência de experiências compartilhadas socialmente. Os sentidos, significados, impressões se somam mediante a interação estabelecida no grupo, sociedade, família, no trabalho, em diferentes épocas.

Portanto, o passado vivido se mescla com as experiências recentes proporcionando a elaboração de olhares múltiplos. “Tal como apreender a ampliação do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é, uma vez que a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam” (DELGADO, 2010, p. 38).

Imersos nessas memórias variadas é possível compreender, refletir as diferentes problematizações que atravessam a festa realizada no dia de 16 de Julho, e assim é visível que “a festa traz (ia) a possibilidade outra de viver a cidade [...] tomando posse de seus espaços” (PEREZ, 2002, pp. 48-49). Deparamo-nos com a preocupação de compreender este espaço que é a cidade, que se torna palco, anualmente, dos festejos.

Percorrendo esta inquietação em entender o que é a cidade defrontamos com Sennett afirmando que “nesse espaço de concentração populacional, os homens que vivem na cidade não se entenderão, estando, pois contida na narrativa original, uma

condenação: a cidade está destinada a ser o centro de conflito” (SENNETT, 1998, p. 58). Compreende-se que o espaço urbano se traduz na busca de interesses pessoais e coletivos, nas mais diferentes instâncias como a econômica, política, jurídica, religiosa, nisto se materializa como o centro dos conflitos. Regida pela convivência compulsória, também são engendradas negociações, relações que, do mesmo modo, serão tangidas pela tensão, pela luta de poderes, que se inscrevem no cenário citadino. Porém, da mesma forma que vemos o espaço urbano como este centro de conflitos, é também evidenciado o permear do encontro, da partilha de saberes, experiências e memórias, de forma mais intensa no período festivo.

Na busca de olhar a cidade, que vai além do material, do físico, do concreto, Fenelon nos adverte:

A cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como um lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto nos resultados e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos... Ou nos seus espaços de convivência ou no que resta de planos e projetos oficiais sempre justificados como o necessário caminho do progresso e da modernidade (FENELON, 1999, p. 07).

Vemos a cidade como o lugar em que os sujeitos sociais dinamizam o seu viver, buscamos entender a cidade não apenas como algo estrito ao físico, ao bruto, ao concreto, ao asfalto, prédios, ruas, casas. Mas sim, a interação dos sujeitos com estes espaços o que, conseqüentemente, resulta nas marcas ao longo da história.

A cidade é constituída como espaço vivido de diferentes maneiras, por diferentes sujeitos, muitas vezes de forma conflituosa. Neste espaço vivências, valores, sentimentos, tensões, conflitos são manifestados e reafirmadas lembranças e esquecimentos. Pelo fato de a atuação dos grupos hegemônicos que trabalham na organização e manutenção da cidade, esta dinâmica do lembrar/esquecer, é materializada nos espaços urbanos em prol de um discurso pautado no ideário de progresso.

Com o escopo de compreender o que é festa, diante das leituras deparamos com as considerações de Guarinello:

Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia-a-dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros (GUARINELLO, 2001, p. 969).

Mas, também, a festa é “uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, vista por vários estudiosos como momento de renovação das forças desgastadas pela rotina de trabalho e respeito às regras” (SOUZA, 2002, p. 59). A festa do dia 16 de julho em Borda da Mata possibilita à população um outro tempo. Tempo este regido pela alegria, devoção, sociabilidade, manipulação política, entre outras situações.

É permitido afirmar que a festa possibilita um espaço de encontro e troca. É o período de uma intensa interação entre a comunidade consigo mesma e com os visitantes das cidades circunvizinhas que procuram as festas em Borda da Mata como opção de lazer e devoção.

O festejar constitui uma ação que perpassa o preparar para a mesma, o arrumar-se, escolher ou comprar a melhor roupa, organizar as tarefas de trabalho para poder ir à festa, estar com a família e/ou amigos, o consumir comidas e bebidas. Tais ações são realizadas somente no tempo/espaço das festas, tece-se um cenário que está além do que é pautado no dia a dia, é um tempo diferente, aguardado, celebrado. Mas temos a consciência de que o fazer a festa não se dá de modos sem razões e/ou interesses. A Igreja Católica e a Prefeitura Municipal fazem usos diferenciados da festa a partir de motivações que, muitas vezes, não são evidenciadas ou conhecidas por aqueles que participam da festa. Eis aqui umas das nossas inquietações, saber como é o olhar desses expectadores para os festejos de 16 de julho. Que embates ocorrem nesta festa, simultaneamente, o que acontece?

## A festa na/da cidade

A história do município de Borda da Mata é entrelaçada com a devoção da padroeira, pois os primeiros moradores do povoado, que originou o município de Borda da Mata, construíram uma pequena capela para a santa, no início do século XIX, que é celebrada no dia 16 de julho (COSTA, 2015).

O dia 16 de julho é festejado com celebrações religiosas e a quermesse. Em 2012, Adolfo Cabral Junior, dentista e advogado e morador no centro de Borda da Mata, descreve a festa em louvor a padroeira de Borda da Mata.

Na festa de antigamente, chamada... era exclusivamente familiar mesmo, como na minha vida na minha infância, né? Era o que o pessoal se reunia aqui... tinha uma barraca aqui.. na praça coberta de sapé e... e... e as famílias cada noite, ali... era uma família que era responsável pela quermesse, então, por exemplo, digamos a família que cuidava do hotel, por exemplo, eles iam fazer o salgado, fazer tudo, ia colocava várias... famílias. E a gente ia, era leilão, tal. E ai ia gente comia as coisas lá, consumia as coisas lá, mais quem tava vendendo, quem eram os garçons, que tava servindo era o pessoal desta família. No outro dia, era outra família que ia servi, então as outras famílias iam. Então a festa da cidade era isto, ela era também familiar<sup>1</sup>

Adolfo descreve como se constituía a “festa de antigamente”. O narrador remete-se a outra temporalidade, a outros momentos, relacionando sua infância com o modo de organização da festa religiosa em Borda da Mata.

As relações festivas neste período descrito pelo narrador configuram-se pela proximidade das famílias do município, onde todos se conhecem. Apresenta-se como uma

---

<sup>1</sup> Senhor Adolfo Cabral Junior. Cultura e Memória: O festejo de Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata – MG. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de História.

reunião, em que laços são reforçados e mantidos. Ao apontar que “era uma coisa só daqui mesmo” reforça o caráter mais local do dia 16 de julho.

Na organização da festa, a cada família é atribuída uma função. A partir da integração dos espaços públicos ao espaço religioso, a praça e reúne atividades como o trabalho e a devoção.

Trilhando na discussão do território da festa, que é o espaço conquistado e possui diversos significados, Matos, ao estudar a temática referente à cidade, compreende a “noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias” (MATOS, 2002, p. 35). Frente a isto, entendemos as diversas narrativas que são produzidas a partir do lugar, em que é manifestada a festa organizada pela Prefeitura Municipal.

A relação baseia-se entre o sujeito social e o espaço que é ocupado. O ocupar não se restringe, somente, a estar ali e, sim, interagir de diferentes modos, que possibilitam atribuir significados aonde se ocupa.

O centro de Borda da Mata se modifica com a proximidade da festa. Isto corresponde, também, na mudança de como interagir com este espaço. Durante o ano o espaço atua como ponto de convergência de serviços e compras, mas no período festivo arquiteta-se como um espaço de lazer, diversão.

Ao estudar a festa nota-se que sua estrutura e dinâmicas perpassaram por algumas significativas mudanças. De um rito, exclusivamente, religioso, que visava e visa cultuar a padroeira do município à realização de shows em praça pública, organizados pela Prefeitura Municipal, desdobra-se toda problemática que constitui a dualidade festiva do dia 16 de julho.

O universo festivo que se elabora e reafirma possibilita a discussão de identidade, que o festejo proporciona aos bordamatenses. Na fala de Adolfo Cabral Junior aponta:

Então eu acho a festa hoje, ela é assim, também ela ficou totalmente despersonalização porque ela não é coisa mais da cidade, entendeu? Primeiro a gente perdeu... tava comentando aquela história da personalização da cidade, hoje a gente tá reproduzindo uma coisa que é de fora, por exemplo, chega alguém aí e toca um axé. O que a gente tem a ver com axé, em termos culturais?<sup>2</sup>

De um espaço marcado pela sociabilidade religiosa e familiar, estrutura-se para um contexto que apresenta elementos oriundos de outras localidades, que se mesclam e como diz o narrador despersonaliza a festa. A identidade deste momento esperado pela comunidade tem sua base em encontros familiares nas quermesses, rituais religiosos nos finais de semanas, algo regido por um convívio estreito, em que todos se conhecem.

Ao abordar uma personalização, Adolfo elenca ao festejo um molde cristalizado, em que não ocorrem alterações. Firma-se de tal maneira, que constrói uma instituição. Vemos este conceito como algo que tem seu funcionamento próprio, porém sua interação

---

<sup>2</sup> Senhor Adolfo Cabral Junior. Cultura e Memória: O festejo de Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata – MG. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de História.

se modifica juntamente com a sociedade. Sustenta um perfil marcado pelo saudosismo e nostalgia, negando toda a alteração que ocorreu ao longo do tempo. Aqui é notória, a questão de perda daquilo que foi e não aceitação do que é atualmente. Sua fala é marcada postura de resistência em aceitar as mudanças que foram sendo realizadas no festejo no decorrer do tempo, desta forma, propiciando outros sentidos a este evento.

Quando a festa se constituía em âmbito familiar perpassava por uma dinâmica estabelecida. Mediante a (re)significação da festa com uma outra vivacidade, a identidade pré-estabelecida no familiar agregou-se a outros elementos oriundos de outras localidades. Agora não é mais algo somente restrito aos amigos e familiares. Visitantes e turistas compõem o cenário festivo, com isto trazem outra bagagem cultural diferenciada, que se agrega ao evento proporcionando outras perspectivas além cidade de Borda da Mata.

Adolfo Cabral Junior discorre que atualmente a festa é um veículo para a reprodução de elementos que não pertencem ao contexto cultural local. Desta forma, a reestruturação da festa do aniversário político administrativo que se juntou ao dia da festa da padroeira (16 de julho) contribui para a inserção de expressões culturais diversas, como o axé, o *funk*. Temos que compreender que

As hibridações [...] nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteiras. Todas as estas se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento (CANCLINI, 2003, p. 348).

A festa é um espaço em que elementos locais são selecionados. Ela se faz por meio da sociabilidade de sujeitos sociais que vivenciam diferentes experiências no cotidiano, em que diversas influencias se entrelaçam e moldam estas experiências. Desta maneira, todo processo cultural se faz por meio da negociação de elementos oriundos de outras localidades, que tem outros significados, mas que incorporam com esta expressão cultural que é a festa. E assim, evidenciando por meio das festividades estas influencias que interagem e formam uma nova expressão cultural.

Em sua fala continua argumentado que deveria valorizar “filhos da terra” que contribuíram em várias áreas e também organizar palestras, apresentação de danças regionais como folias de reis, congadas e oficinas que reflitam a história de Borda da Mata, pois “ai sim seria festa da cidade. Por exemplo, você tá manifestando aquilo que a cidade tem, isto é, da cidade, por exemplo, não uma festa na cidade, é a festa da cidade [...]”<sup>3</sup>.

Imerso em um discurso que atenta aos aspectos culturais realizados no município de Borda da Mata é necessário que produzam expressões que apresentem e reafirmem a cultura local, que é ligada a elementos do campo e religiosos. Pode-se afirmar, que a festa atualmente realiza uma incorporação destas manifestações citadas pelo narrador.

<sup>3</sup> Senhor Adolfo Cabral Junior. Cultura e Memória: O festejo de Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata – MG. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de História.

## Uma data, vários significados

O 16 de julho configurado como dia festivo acolhe mais um elemento significativo que produz um complexo binário, que se contrapõe entre o sagrado e o profano. Forma-se em Borda da Mata a combinação de práticas divergentes que favorecem diferentes experiências, ligadas à religiosidade, ao lazer, à quebra do cotidiano.

É enxertada ao dia 16 de julho, o qual se mantinha como exclusivamente voltado à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, a comemoração da cidade. Incorporar outra comemoração resulta em outro modo de vivenciar a data, que já era significado como festiva.

Outro ponto alegado pelo sacerdote é o “ônus” assumido pela prefeitura municipal. O prestígio que antes, era atribuído à Igreja Católica, a partir daquele momento recai ao poder público local. Duas instituições passam a compartilhar a festa de 16 de julho com suas práticas, que se divergem e se complementam, configurando uma festa só.

Voltando ao projeto em seu artigo 3º temos o seguinte: “Fica o poder executivo autorizando a difundir entre os munícipes, esta nova data de comemoração da Imancipação [sic] do Município de Borda da Mata, através [sic] da imprensa falada e escrita”<sup>4</sup>.

Diante deste imperativo, a prefeitura municipal é incumbida de divulgar a nova data, a nova memória que possibilita o festejo cívico no dia 16 de julho. Nisto, a mudança da data da comemoração do aniversário do município propicia a reconstrução de uma nova história oficial a cidade. Emerge a revitalização à memória bordamatense, consistindo em outra forma de ver e significar o dia 16 de julho.

No projeto de lei 17/89 é apresentada, também, a justificativa para a alteração da data de comemoração da cidade, que: “Amparado pelo artigo 30, Item II da Constituição [sic] de nosso município, 16 de novembro, sempre se tornou impossível de se comemorar, por ser imediatamente a um feriado federal, (proclamação da República), inviabilizando por se comemorar dois feriados consecutivos”<sup>5</sup>.

A justificativa do projeto contradiz o artigo 1º do projeto de lei o que refere à data da emancipação do município de Borda da Mata. Conforme já foi citado anteriormente, em 6 de setembro de 1924 é instalado o município. Observa-se um confronto entre as datas que indicam a emancipação do município.

Ao apontar 16 de novembro como data da emancipação, a história oficial nacional pesa de forma considerável, pois traz para si maior significação, assim engendrando certo ocultamento para com a história municipal, da mesma forma, a impossibilidade de dois feriados seguidos na cidade de Borda da Mata.

---

<sup>4</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

<sup>5</sup> Idem.



Outra questão recai sobre a tradição da festa religiosa.

Considerando principalmente o alto espírito religiosa de nosso povo, que já se consagrou através [sic] dos tempos à nossa Padroeira Nossa Senhora do Carmo, pela sua festa tradicional em nosso município.

Considerando ainda, a vontade da maioria de nosso [sic] população, que pede a coincidência [sic] de datas, tendo em vista o tradicionalismo da festa de Nossa Senhora do Carmo, onde seus filhos auzentes [sic], reportão a nossa terra para comemorar e rever os seus familiares, em tempo de férias<sup>6</sup>.

O deslocamento da data da comemoração da cidade unido ao dia de sua Padroeira representa o entrelaçamento de duas comemorações em um só dia. Acumula-se mais um sentido ao dia 16 de julho, porém com caráter cívico outra instância se apodera desta conotação festiva. Agregar um espaço festivo para a prefeitura municipal consolida, desta maneira, a fixação de uma comemoração que não esteja, totalmente, vinculada à Igreja Católica, mais que possibilite o uso de uma dinâmica que evidencie as ações do poder público local, quanto seu prestígio dentro do município.

O termo “tradicionalismo” evoca que o festejo religioso tem um sentido cristalizado para os bordamatenses que é celebrar sua padroeira e visto que, realizado no período de férias escolares, primeira quinzena de julho, possibilita a vinda dos bordamatenses que residem em outras localidades.

Configura-se um tempo marcado pelo encontro e sociabilidade, mas quando não é somente regido pela instituição religiosa, a prefeitura usa deste espaço conquistado para se promover e ser evidenciada como uma instituição atenta aos munícipes. Seguem as assinaturas dos nove vereadores.

“O parecer da Comissão de Legislação, Justiça e Redação no projeto 17/89 de autoria do vereador Benedito Messias da Silva, dispondo sobre o dia do município. A comissão é de parecer unânime pela aprovação do projeto. Borda da Mata, 19 de junho de 1989”.

Vemos aqui o parecer da comissão referente ao projeto que discutiu a mudança da data da festa, sendo unânime a aprovação deste projeto.

No dia 04 de julho é decretada a lei nº 903/89, referente à comemoração do dia da cidade, sendo dia 16 de julho.

Com o estabelecimento da festa cívica, a Igreja Católica continua com suas práticas festivas. A novena, missas, procissão, coroação e quermesse. Padre José Donizete Moreira, pároco que substituiu Padre José Eugênio da Fonseca, redige no Livro do Tombo a nova relação entre os dois festejos na cidade de Borda da Mata que ocorre no dia 16 de julho.

16/07/1990 – Houve a tradicional Festa de Nossa Senhora do Carmo. A novena teve início no dia 07/07, para cada dia contou-se com a presença de um padre das paróquias vizinhas. A parte social da festa foi desvinculada da religiosa, a parte social ficou a encargo da prefeitura municipal, pois no mesmo dia se comemora o

<sup>6</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

aniversário da cidade de Borda da Mata. Esta data do aniversário da cidade no dia 16/07 foi aprovada pela Câmara de Vereadores. Daqui para frente a Igreja se preocupará com a festa religiosa.

A festa da Padroeira foi realizada com a participação de toda comunidade, cidade e área rural; quem a fez foi a comissão organizadora, revelando-se maior união, fraternidade, e claro, vivência comunitária na Paróquia de Borda da Mata<sup>7</sup>.

Desta maneira, diante da comemoração organizada pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata, a Igreja se posiciona afirmando a separação das partes do festejo. A Igreja continua realizando as celebrações e a quermesse, pois é uma forma de obtenção de renda, mas aponta que a festa social, que consiste nos shows, barracas de comidas e bebidas, é de responsabilidade da prefeitura, sem vínculo com a Igreja.

A Igreja tenta manter sua festa em louvor à padroeira com o objetivo de integrar a comunidade, vivenciando os princípios cristãos.

Aqui vemos dois festejos com dinâmicas diferentes que ocorrem no mesmo dia, proporcionando um complexo festivo que vai da religiosidade ao divertimento e lazer.

Para a manutenção das opções de lazer, que são os shows de cantores de renome regional e nacional, que a liderança católica negou, via-se necessário um suporte legal. Portanto, para a realização destes shows é preciso um planejamento financeiro, devido aos custos do contrato feito com o artista/cantor desejado, montagem da estrutura do palco, seguranças e outros elementos que são empregados nesta atividade.

Qual interesse em manter e oferecer shows em praça pública? Em uma perspectiva financeira, qual o lucro para os cofres municipais em custear shows em que não há venda de ingressos?

Nota-se que o primeiro intuito do poder público local junto a Câmara de vereadores é o estabelecimento da visibilidade e notoriedade da cidade de Borda da Mata diante das outras cidades da região. A constituição de um mecanismo que possibilitasse o evidenciamento do trabalho do governo municipal para com os seus munícipes, ou seja, trazendo cantores/artistas para oportunizar momentos de lazer a sua população e, do mesmo modo, aos visitantes das cidades vizinhas.

No dia 05 de abril de 1991 é promulgado a Lei Orgânica do Município de Borda da Mata e o seu artigo 3º afirma:

§4º - É data cívica do Município o dia 16 de julho, em que se comemora a sua emancipação político-administrativa, ocorrida em 1924.

§5º - A semana em que recair o dia 16 de julho, constituirá a SEMANA DO MUNICÍPIO, período em que o Executivo e o Legislativo promoverão festas cívicas e encontros para estudos, análise e reflexão dos anseios e necessidades de seus habitantes e dos planos para o desenvolvimento harmônico do Município<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Livro do Tombo, nº 2, 1990, p. 194. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Consulta gentilmente cedida pelo pároco Monsenhor Vonilton Augusto.

<sup>8</sup> BORDA DA MATA. Lei Orgânica do Município de Borda da Mata: Promulgada em 5 de abril de 1991 / Câmara Municipal de Borda da Mata – Minas Gerais.

Aqui notamos a alteração da data da comemoração da emancipação política administrativa do município. A partir de 1991, formaliza-se, legalmente, a realização de festas organizadas sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal.

Com o pressuposto de reforçar tal data, elaboram no §5º a “Semana do Município”, que o texto legislativo traz em caixa alta com o objetivo de revestir a semana de uma municipalidade que, além das festas seria o momento em que os habitantes seriam ouvidos. Não se usa o termo “povo”, mas habitantes. Estrategicamente, um texto é construído para que este habitante se veja e se identifique com este momento de “estudo, análise e reflexão dos anseios e necessidades”. Além de festejar, a pessoa que mora, trabalha, paga imposto teria a oportunidade de apresentar suas perspectivas frente à construção de um município melhor.

Assim, as duas comemorações ocorrem com seus objetivos específicos. O dia 16 de julho se reveste de um contexto festivo. Mas, ao longo dos anos provoca incomodo e essa questão ligada à data da comemoração é abordada no ano de 2007.

A discussão em torno das comemorações da emancipação volta à cena em 2007, pelo jornal “Galeria do Comércio” publicado em agosto, em edição única e distribuição gratuita, trouxe na sua primeira capa o Editorial “A Emancipação político-administrativa de Borda da Mata” redigido por João Bertolaccini que se refere à festa realizada em comemoração ao aniversário da cidade no dia 16 de julho.

Nós, os bordamatenses, entendemos que não se pode indefinidamente comemorarmos erroneamente a data da Emancipação Político-Administrativa de nossa cidade. É uma aberração insistir na data de 16 de julho, que não tem absolutamente nada a ver com a data certa da Emancipação Político-Administrativa de nosso Município. [...] Convido também, os filhos desta terra, que leiam o Artigo 3º, parágrafos 4º e 5º da nossa Lei Orgânica e comparem com cuidado e isenção as comemorações de nossa emancipação, com o que a Lei Orgânica determina; “até parece utopia”<sup>9</sup>.

O subtítulo do jornal apresenta o objetivo do mesmo: “O seu guia de compras, serviços e histórias” e, assim, propõe refletir por meio do artigo acima citado a realização da festa da cidade proposta pela Lei Orgânica. Bertolaccini busca com suas palavras evocar certa consciência histórica frente à data da festa. Com isto, aponta que é errônea a comemoração no dia 16 de julho.

Ao discorrer sobre o assunto, adjetiva como “aberração insistir na data de 16 de Julho”. O fato de realizar o evento em comemoração ao aniversário da cidade em outra data proporciona o ocultamento da história diante da população.

Com postura apelativa solicita a leitura da Lei Orgânica, em seu artigo 3º, supracitado, que refere à constituição do 16 de Julho para a cidade. Mediante seu olhar sentencia como “até parece utopia”.

Visualiza-se o contraste entre o que diz a Lei e o que é realizado. Nota-se, também, a preocupação de um grupo que organizou o jornal citado, diante da continuidade de um festejo que apaga a memória do município devido o deslocamento

---

<sup>9</sup> BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. *Jornal Galeria do Comércio*, 2007, p. 01

da data. O comemorar em si não é o intuito maior deste grupo, que é formado por comerciantes. O jornal foi patrocinado por vários comércios da cidade, com distribuição gratuita, e o mês de circulação foi em agosto, ou seja, o mês após o da festa, que é em julho.

Atentos às palavras de Cruz e Peixoto entendemos a Imprensa:

como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259).

Deste modo, a intencionalidade em colocar em primeira capa, o único texto dissertativo e informativo do jornal perpassa por questões que produzidas não pelo comemorar da festa, mas sim pela data, o que vemos no desfecho do editorial.

Dia 16 de Julho é comemorado em nossa cidade, a Festa de Nossa Excelsa Padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e como povo, na sua grande maioria católica, seria muito bom que os Senhores Vereadores, através de uma ementa ao Artigo 3º Parágrafos 4º e 5º da Lei Orgânica, colocassem os festeiros de Emancipação Político-Administrativo, em data certa, isto é dia 7 de setembro<sup>10</sup>.

Dezesseis anos depois, Bertolaccini contrariando seu posicionamento em 1991, afirma que a data ideal para a comemoração é dia 7 de setembro, pois no ano de 1923, nesta data, foi criado o Município e não no dia 16 de Julho, de 1924, quando foi instalado.

Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três, foi o dia que o governador, doutor Raul Soares de Andrade assinou e ... o decreto emancipando Borda da Mata. Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três. E ela foi instalada, lógico, tinha que depois que ter eleição para prefeito, tinha ... e foi instalada dia dezesseis de novembro de mil novecentos e vinte e quatro, certo? Então, o seguinte, tem gente que acha que dezesseis de novembro, data da instalação deve ser comemorado. Mas, a instalação é consequência do decreto, não é? Senão, tinha que ser sete de setembro. Então, esta é a data certa!<sup>11</sup>

Sustentado por datas e seus respectivos fatos ligados à história política da constituição do município de Borda da Mata, João Bertolaccini defende que a data para a comemoração do aniversário da cidade é 7 de setembro, pois nesta, no ano de 1923, mediante ao jogo político estadual foi criado o município, sendo instalado somente em 16 de novembro de 1924

De maneira irredutível elenca que esta é a data certa. Compreendemos que “as pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas” (KHOURY, 2004, p. 127). Vemos em Bertolaccini a constituição de um senhor voltado para a história oficial da cidade, tanto que compilou uma publicação referente à história do município. Com olhar voltado para o percurso histórico do município vê nas datas significações para esta história e, com isto, questiona, criticamente, a realização da festa

<sup>10</sup> BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. *Jornal Galeria do Comércio*, 2007, p. 01

<sup>11</sup> Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

organizada pela Prefeitura Municipal diante dos requisitos ligados à memória oficial bordamatense.

### Festa da Borda: “a época que a Borda fica diferente”.

Trazemos o cartaz da festa organizada pela Prefeitura Municipal no ano de 2011.



Imagem 01 – Cartaz de Divulgação da Festa produzido pela Prefeitura Municipal

Torna-se pertinente analisar que o cartaz traz enunciados de duas festas. Uma de maneira destacada que se refere à da padroeira e a outra subentendendo como subtítulo a do “Aniversário da Cidade”. Porém, o olhar mais desatento nota que as atrações, que são musicais, são exclusivamente ligadas ao festejo organizado pela Prefeitura Municipal. Notamos a busca por um respaldo na comemoração organizada pela prefeitura municipal, devido a isto, a inclusão da referência à padroeira da cidade, visto que o festejo religioso é organizado exclusivamente pela Igreja Católica.

Diante deste uso referencial festivo, a narradora Cilene de Oliveira, de 44 anos, reivindicou que:

ou eles colocam alguém pra cantar de religião ou não fale que é dia de Nossa Senhora do Carmo e festa da Igreja, vão anunciar lá que é festa da cidade, que eles estão anunciando. E que este ano, por sinal, não sei se você prestou atenção, mais o prefeito falou isto que a festa é aniversário da cidade, ele foi bem claro no microfone e eu assisti, ele falou...<sup>12</sup>

Aqui é apontada a demarcação de territórios festivos. A interlocutora se respalda na questão de que as atrações devem condizer com a intencionalidade do festejo. Se este não oferece nenhum elemento ligado à religião, qual o motivo de denominar ou evocar como festa da padroeira? Cilene enfatiza que no ano de 2012 o prefeito Edmundo Silva anunciou que o evento organizado por ele e sua comissão é destinado ao aniversário.

<sup>12</sup> Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Dezesseis de julho se traduz em um dia estabelecido por uma festa, que contém partes diferentes e que possuem sentidos e dinâmicas divergentes.

Não há festa sem comunidade e sem participação ativa de todos. Na festa, todos dançam ou brincam, ou cantam, ou atuam. No espetáculo, todos assistem ao que alguém ou ao que um grupo de artistas faz. O espetáculo não precisa de comunidade. Alimenta-se de espectadores. Geralmente a festa é gratuita e o espetáculo é pago pelo povo ou pelos que o patrocinam (BARROS, 2002, p. 63).

Dicotomicamente depara-se com duas maneiras de se fazer festa em Borda da Mata. Mas esta definição paralela para alguns bordamatenses não é nítida, conforme relata o jovem Carlos Rafael:

O dia de Nossa Senhora do Carmo é a data, quando penso em dezesseis de julho me vem na mente muito mais o dia de Nossa Senhora do Carmo do que o aniversário da cidade. [...] Eu... eu... não lembro tanto que é festa da cidade, eu sempre mais na questão religiosa com se a festa das barracas, toda esta parte comercial fosse vinculado mais a festividade do que a comemoração da cidade, na minha cabeça não vem como um estalo que também usa este todo contexto comercial é função do aniversário da cidade.<sup>13</sup>

Ao descrever como vê o dia 16 de julho, Carlos Rafael aponta que o suporte para todo este contexto festivo está vinculado à questão religiosa. Esta percepção é dada por sua vivência, que foi criado em uma família católica, estudou no único colégio católico de Borda, administrado por uma congregação religiosa. Também, participou de atividades e movimentos da Igreja, como um coral e a RCC (Renovação Católica Carismática).

Nisto, seu olhar se pauta numa sintonia festiva, ou seja, em um festejo com único sentido. Carlos Rafael, ao deparar com dia 16 de Julho, não assimila de imediato a coexistência de duas partes nos festejo. Faz-se necessário uma tomada de consciência e desconstruir sua unilateralidade ao ver a festa. Diante do cenário formado pelas barracas que oferecem vários produtos e engendram grande movimentação durante os dias da festa, vê como uma extensão da festa religiosa, mas com o exercício de compreender as distintas festas, aí sim nota as disparidades entre ambas.

Temos ciência de que este cenário de alegria, de bebedeira, comidas contém outras problemáticas que interagem frente ao comércio local versus o comércio popular dos barraqueiros: a festa como mecanismo de uso político por parte da Prefeitura Municipal e a realização de um festejo organizado pela Igreja Católica, que é a Festa do Milho, com o intuito de obter recursos financeiros para sua manutenção, fora do dia 16 de Julho.

A “festa da Borda” é compreendida de diferentes formas. Isto se deve a experiências de cada narrador que, conforme os valores, os interesses, expectativas que significam a festa de uma perspectiva distinta, possibilitando múltiplos sentidos.

Cilene Maria observa este período em Borda da Mata como um tempo diferente:

<sup>13</sup> Carlos Rafael de Freitas. Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Festa da Borda pra mim é única época que a Borda fica diferente, de ruim ou mal, é... é... todo mundo que sai pra divertir, curtir um pouquinho. Eu acho que deveria ter mais atrações o ano inteiro, mas não tem, então a melhor época da cidade é esta, o pessoal fica mais animado para comprar umas coisinhas, porque tem gente que guarda dinheiro o ano inteiro pra poder ir na festa, então tem o lado musical que é ruim, mas tem o outro lado que é maravilhoso, que é o lado da diversão.<sup>14</sup>

Frente à falta de outros momentos festivos expressivos durante o ano, a “Festa da Borda” configura-se como “a época que a Borda fica diferente”. Devido, a estrutura organizada tanto na parte religiosa quanto a da social, realizada pela Prefeitura Municipal, o dia 16 de julho se sobressai, concentrando aspectos que permitem a configuração de um cotidiano diferente e, da mesma forma, um referencial temporal para os bordamatenses.

A cidade rompe com sua dinâmica trilhada pelo trabalho, compromissos e obrigações para uma situação que propicia Borda da Mata ficar diferente.

Cilene aponta que esta diferença é pontuada “de ruim ou mal”, pois seu olhar condensa na oferta dos shows na praça pública, pelo fato de as músicas seguirem as tendências midiáticas. Como apreciadora de um estilo musical específico sentencia que o “lado musical é ruim”.

Visto que isto é devido aos shows, na maioria de cantores sertanejos que atraem grande multidão, não só do município, mas também da região, promovendo não somente uma festa restrita ao município e sim um evento regional.

A expectativa para a chegada da festa é marcada pela animação para compras nas barracas de roupas, calçados, alimentos, bebidas, utensílios domésticos e brinquedos. Formulando uma prática destinada a economia de dinheiro reservada “pra poder ir na festa”. O ir não configura apenas em estar no espaço festivo por si só, mas sim consumir os produtos oferecidos exclusivamente neste período de festa.

Ao construir suas memórias sobre a “festa da Borda”, Regina Moreira apresenta suas considerações apoiadas na emoção e lembranças que marcaram sua vida.

A festa é nosso ponto de encontro de todos os bordamatenses que não moram aqui. Desde então há cinquentena anos, nos entramos em contato com os parentes e amigos para que esta semana, que a gente esteja aqui batendo ponto. Quem não veio é maldito! Certo? Você pode tá onde for, Estados Unidos, na Europa, no Brasil inteiro, em São Paulo. Aqui tem que tá, porque? Porque é o dia mais importante de nossas vidas como cidadã de Borda da Mata, mas no caso não só as meninas, também os meninos. E a gente se encontra sempre, eu vejo este pessoal há cinquentena anos. Esta festa eu choro é claro [voz embargada com choro] tem que chorar, desculpas. Mas, eu choro é de alegria, pois são coisas boas que aconteceram na festa.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

<sup>15</sup> Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

De maneira enfática, Regina expôs seu olhar para com a festa. Compreendendo este evento na cidade de Borda da Mata como “o nosso ponto de encontro de todos bordamatenses que não moram aqui”, devido sua realização dar-se em um período específico, a primeira quinzena do mês de julho, que compreende o mês de férias escolares. A possibilidade dos “filhos da terra” ausentes poderem retornar e rever familiares e amigos é grande. Sobretudo, com um estímulo afetivo que o evento evoca e que ocasiona encontros, entre pessoas, de que há tempo, não se tem notícias, proporcionando abraços, lágrimas, alegrias, conversas sobre como está a vida de cada um. Isto, promove um tempo especial em que o reforçar os laços familiares e de amizades são materializados.

Essa percepção é devido ao fato de que Regina morou durante anos na cidade de Socorro, no estado de São Paulo, assim entendemos a ênfase dada a este ponto na festa. Ir à Borda da Mata nos dias festivos proporciona entrar em contato com parentes e amigos, quando lembranças, histórias são lembradas e compartilhadas.

Regina afirma a presença na festa como algo obrigatório, “a gente esteja aqui batendo ponto”, como um compromisso marcado, como o trabalho que tem a dimensão da obrigatoriedade de ir e trabalhar. Assim, o bordamatense que reside fora da cidade de Borda da Mata é convidado a compartilhar este momento que remete a vivências das lembranças e reafirmação de laços afetivos.

Aquele que não vai a festa é tido como “maldito”, pois não participa deste momento de vivência as memórias e experiências da festa no dia 16 de julho.

Na “festa da Borda”, o celebrar e o festejar é concebido como um grande momento para os bordamatenses. Festejar este que, ao longo do ano, se ressignificou mediante os interesses e valores que permeiam a transformação deste evento.

Uma festa que incorporou e incorpora elementos, novas situações, novos sentidos e significados, mas que se instaura como um campo atravessado por diferentes experiências, em que as múltiplas memórias produzem muitas histórias.

### **Algumas considerações**

A realização deste estudo percorreu um caminho regido pela construção de uma pesquisa minuciosa e atenta ao não dito, visualizado. A prática da História Oral foi o diferencial neste trabalho, a partilha de percepções e versões íntimas acerca do festejo aponta uma responsabilidade extrema ao pesquisador. Lidar com memórias é lidar com vidas que se forem mal utilizadas podem produzir feridas.

Narrativas tecidas pelo tom da resistência em não aceitar as (re)significações que a festa proporciona. Ao reverso desta postura resistente, há falas que marcam o valor pelo festejo atualmente com a predominância de shows e opções de lazer, “ofuscando” desta forma o panorama sagrado, Assim, aberto a elementos culturais que são oriundos de outras localidades, proporcionando a negociação destes novos elementos com os já permanentes das festividades, proporcionando um cenário híbrido.

Tensões são estabelecidas entre o sagrado e o profano. As falas dos narradores possibilitaram visualizar tal contexto conflituoso, onde (re)significações são



evidenciadas ao longo dos anos. De um evento pautado no sagrado com ritos repetitivos e fixos para o contraponto de uma festividade conduzida pelo divertimento, lazer, consumo e improvisado.

Em suma, registra-se que uma festa realizada em praça pública conduz várias problemáticas. E neste sentido, acreditamos que a realização deste estudo não traz a versão final do registro histórico deste evento mais aguardado pela população da pequena cidade bordamatense. Porém foi um olhar que buscou apresentar algumas versões da festa, que não é algo cristalizado, imóvel, mas sim entendido como perpassado por um processo dinâmico sustentado pela construção constante de sentidos e significados produzidos por experiências sociais e compartilhados pelas muitas memórias que possibilitam a contemplação de outras histórias.

### **Referências:**

- ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- BARROS, Marcelo. O divino segredo da festa. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- COSTA, Cleyton Antônio da Costa. *Dezesseis de julho: festa, memórias e vivências na cidade de Borda da Mata – MG*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina de Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Revista Projeto História*, nº 35, São Paulo: EDUC, 2007.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral – memórias, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D'Água, 1999.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. *Revista Projeto História*, São Paulo: EDUC, nº 10, p.73 – 90, dezembro/ 1993.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, vol. II, São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: OlhoD'Água, 2004.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Revista Projeto História*, São Paulo: EDUC, nº 22, p.79 - 103, junho/ 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, nº 15, p. 13-49, abril / 1997.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista*. História da Festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em História*. 4ª Ed., São Paulo: Ática, 2004.